



CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS: A RESSIGNIFICAÇÃO DO TRABALHO VIA SABERES TRADICIONAIS NO DISTRITO DE CANGAS-POCONÉ MT.

GT 16: Trabalho e Educação

Trabalho completo

Cira Alves Martins (PPGE/UFMT)

cirajulio@hotmail.com

Edson Caetano (PPGE/UFMT)

caetanoedson@hotmail.com

1 Introdução

A utilização de plantas para fins medicinais é uma prática milenar, transmitida entre gerações ao longo do tempo. Essa tradição é especialmente visível em populações tradicionais, como caiçaras e indígenas (Moreira et al., 2002), que recorrem a esses recursos para tratar suas enfermidades. Nas comunidades rurais, esse conhecimento é repassado oralmente, formando um legado histórico, cultural e socioeconômico (Martins, 2016).

Brasileiro et al. (2008), argumenta que o aumento do uso de plantas medicinais atualmente é influenciado por diversos fatores, como o alto custo dos medicamentos industrializados e a dificuldade de acesso a serviços médicos, além de uma crescente predisposição para utilizar recursos naturais.

Hamilton (2003) ressalta que, “[...] as plantas medicinais representam a principal matéria médica utilizada pelas chamadas medicinas tradicionais, ou não ocidentais, em suas práticas terapêuticas, sendo a medicina popular a que utiliza o maior número de espécies diferentes”

Firmo et al. (2011) ressaltam que as propriedades das plantas são moldadas por diversas influências culturais, incluindo as de colonizadores europeus, africanos e indígenas. No entanto, o conhecimento popular sobre essas plantas é principalmente cultivado por grupos que mantêm uma relação próxima com a natureza, observando-a no cotidiano e explorando suas potencialidades. Essa prática garante a continuidade e o enriquecimento desse patrimônio por meio de uma experimentação constante e sistemática.

Ao tomar as plantas medicinais como objetos de estudo, o foco não só em função da

representação pessoal que esta tradição possui, como pela sua história local. Representam não somente uma dimensão geográfica do ponto de vista físico, mais também afetivo e simbólico.

Na prática, a medicina tradicional reúne um conjunto de saberes e experiências diversos e que se produzem assentados em pilares diferentes do pensamento científico. Conforme Cunha (2007), a produção de saberes tradicionais acontece mediante outra lógica de pensar que age, em especial, via unidades perceptuais ao passo que o pensamento científico opera pelas unidades conceituais. Nessa direção, os moradores das comunidades tradicionais e povos originários, como é o caso dos moradores do Distrito de Cangas em Poconé-MT, tendem a utilizar métodos e formas particulares de perceber as informações emanadas pela natureza, as quais fazem uso de um pensar não engessado.

Diferente do trabalho fragmentado na perspectiva do modo de produção capitalista, acreditamos que estes ofícios estão impregnados por “uma profunda subjetividade e a necessidade de domínio [...] do complexo produtivo de sua atividade” (Ramalho, 2012, p. 11).

O município de Poconé, localizado na macrorregião pantaneira, possui diversidade humana e ambiental exuberante, porém em constante ameaça e degradação. A exploração aurífera ainda se apresenta como sua principal fonte de renda e trabalho, embora tenha se constituído ao longo dos anos como um grande problema socioambiental, haja vista o fato de que a crescente exploração garimpeira vem causando crescentes impactos nocivos à natureza por meio do uso indiscriminado do mercúrio, dos rejeitos e do surgimento de gigantescas crateras que chegam a causar inclusive abalos estruturais em residências, dado a proximidade de alguns desses garimpos à bairros e comunidades, além da exploração de mão de obra daqueles que possuem como única alternativa de trabalho os garimpos.

Sinalizando um explícito contraste, o município, mesmo sendo um grande produtor de riquezas minerais e naturais, possui um dos piores IDHs de MT, segundo a Lista de Municípios de Mato Grosso por IDH-M (dados de 2010), Poconé ocupa a posição 118, entre os 141 municípios analisados, um índice considerado mediano (0.652). A filosofia, um dos componentes curriculares obrigatórios do currículo escolar, possui entre seus objetivos intrínsecos, o despertar do senso crítico dos estudantes acerca dos fatos e fenômenos culturais, éticos, morais, existenciais e humanísticos.

Diante disso elegemos como problema de pesquisa a seguinte questão: O que os moradores do Distrito de Cangas que cultivam as ervas medicinais e que se encontram

inseridos em tal contexto existencial e econômicos podem saber e, sabendo, podem transformar na realidade de degradação humana e ambiental vivenciadas na região?

2. Objetivos

Geral

Compreender, através do Materialismo Histórico Dialético, a pertinência do conhecimento dos conceitos essenciais da educação popular, mediante o cultivo de ervas medicinais no cotidiano dos moradores do Distrito de Cangas em Poconé-MT em seus respectivos meios de convivência e ação.

Compreender em que medida a degradação ambiental e humana causada pela exploração desenfreada dos recursos naturais tem influenciado na diminuição do cultivo das plantas medicinais no Distrito de Cangas em Poconé- MT.

Específicos:

Evidenciar os aspectos positivos da educação popular no cotidiano dos moradores do Distrito de Cangas em Poconé-MT, frente aos novos desafios que surgem no horizonte de possibilidades em um espaço de degradação humana e ambiental.

Salientar em que medida a degradação ambiental e humana causada pela exploração desenfreada dos recursos naturais tem influenciado na diminuição do cultivo das plantas medicinais no Distrito de Cangas em Poconé- MT.

Apresentar propostas sobre a construção de novos caminhos mais humanos e sustentáveis, no trabalho e no tratamento com o meio ambiente, bem como nos respectivos espaços de convivência e construção de novos afetos.

3. Procedimentos Metodológicos

Vincularemos à tipologia da pesquisa que pretendemos desenvolver como sendo de abordagem qualitativa, por meio do pensamento de Marques (1997, p. 22) para o qual o aspecto qualitativo da pesquisa no método do materialismo histórico dialético busca interrelacionar as faces do real “num movimento cumulativo, transformado, de tal maneira”.

O Materialismo Histórico Dialético, se apresenta na perspectiva de uma ferramenta que permite a compreensão quanto ao modo de produção social da existência humana mediante a hipótese de que tudo o que existe no mundo, inclusive a linguagem verbal, dados estatísticos, imagem, etc., tem uma existência material e pode ser

interpelado estudado, ser tomado objeto concreto do pensamento.

Alvarenga (2010), declara que “o olhar e o conhecimento sobre a realidade, na perspectiva dialética, não isolam ou posicionam apartados o sujeito e o objeto da realidade a ser investigada, assim como não ignoram os conflitos produzidos por estes que dentro dela interagem, se refletem e se refratam” (Alvarenga, 2010, p. 29).

Importante se faz destacar que o Materialismo Histórico Dialético, não surgiu de forma aleatória nem por acaso, ele advém da crítica às correntes filosóficas com base no idealismo e no materialismo mecanicista. Dessa forma, o materialismo proposto por Marx superou tanto o idealismo quanto o materialismo “do seu tempo”.

Tal concepção sobre o método permite questionar e superar a rigidez da relação dualista entre sujeito e objeto, homem e natureza, espírito e matéria difundida pelo pensamento ocidental. O método dialético marxiano perpassa toda a sua obra e encontra, no estudo das contradições existentes nas próprias coisas, nas relações sociais, nos próprios sujeitos que formam a comunidade humana, a base de sua exposição.

Por tratar-se de pesquisa qualitativa que dialoga com o conjunto de materiais enunciativos, ou seja, legislações, informações estatísticas, palavras dos moradores do Distrito de Cangas sobre a educação popular, enfrentamento à degradação humana e ambiental causada pelos garimpos, encontramos no pensamento de Mikhail Bakhtin importantes encaminhamentos teóricos que nos convidam a proceder à abordagem teórico-metodológica da pesquisa na perspectiva ideológica e dialética da linguagem.

Dessa forma, além da produção de nossas próprias fontes, que serão obtidas pelo questionário, também recorreremos a outras fontes essenciais acerca da educação popular no Brasil extraídas de estudos desenvolvidos pro Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão.

Dessa forma é sempre possível se fazer novas leituras daquilo que foi ou é vivido, sentido e representado pela sociedade através de suas manifestações culturais. Muito embora traduzir, descrever e analisar traços da própria cultura como agente neutro no processo é um fato inalcançável.

4. Resultados

A presente pesquisa encontra-se em andamento e faz parte da pesquisa de doutorado na perspectiva dos movimentos sociais do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT.

Inúmeras são as abordagens teóricas sobre as questões que envolvem as relações de trabalho dos homens com o meio ambiente, seja diante da necessidade dos mesmos interpretarem as relações de poder presentes nas mais variadas atividades exploratórias e, assim, engendrarem meios de resistência e sobrevivência dignos; ou seja pela necessidade de empreenderem ações que visem a preservação desses espaços de convivência e subsistência, frente a consciência coletiva criada nas relações de produção e consumo ao longo do tempo, que lhes permitam imaginar, elaborar e construir comunitariamente um mundo melhor para aqueles que virão. Daí a necessidade de propormos a construção de um caminho mais harmônico e sustentável após séculos de degradação e devastação ambiental proporcionados por um modelo econômico onde em primeiro e último plano, se encontram os interesses do grande capital.

Guatarri (2008) defende, diante da urgência cada vez mais crescente dos seres humanos frente à ineficiência dos projetos ecológicos passados e à letargia institucional das instituições responsáveis pelo combate à degradação ambiental, a necessidade de construirmos uma consciência ecológica coletiva distinta do que foi proposto, movida assim por uma práxis que seja capaz de compor “novas configurações existenciais” (Guatarri, 2008, p.28).

Sobre a importância e necessidade de uma “nova lógica ecosófica”, afirmo de que erros antigos não se repitam, Guatarri assevera que:

Em minha opinião, a ecologia ambiental, tal como existe hoje, não se fez senão iniciar e prefigurar a ecologia generalizada que aqui preconizo e que terá por finalidade descentrar radicalmente as lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique. Os movimentos ecológicos atuais têm certamente muitos méritos, mas, penso que na verdade, a questão ecosófica global é importante demais para ser deixada a algumas de suas correntes arcaizantes e folclorizantes, que às vezes optam por recusar todo e qualquer engajamento político em grande escala (Guatarri, 2008, p.36).

O filósofo salienta, para a necessidade de criarmos uma nova ecologia: uma consciência ecológica que abarque a ecologia do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana, antes que seja tarde demais, pois

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também

aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (Guatarri, 2008, p. 9).

Nossa proposta se assenta não apenas investigar os pressupostos fenomenológicos presentes na visão de mundo dos moradores de Cangas, concernentes ao processo de trabalho e de degradação ambiental e humana, mas, também, às medidas que possam ser adotadas pelos mesmos no que se refere às transformações possíveis no meio degradado em que convivem, de acordo com o que pensa Guatarri (2008), “de minha parte, considero que a “tomada de contexto” existencial depende sempre de uma práxis instaurando-se em ruptura com o “pretexto” sistêmico” (p. 39).

Faz-se de suma importância salientar que para uma educação seja frutífera e, portanto, eficaz, necessita-se passar pelo âmbito de uma prática revolucionária, afim de que os educandos possam descobrir a correlação entre conhecimento, prática e transformação em seu universo existencial, pois assim serão capazes de descobrirem em comunidade que haja de fato uma mudança efetiva na realidade que vivenciam, devem se reconhecerem, de acordo com Freire (2005), como seres inconclusos, pois quando

Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto do cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas (Freire, 2005, p.31).

Como trataremos, aqui, de enfatizar as contribuições da educação popular, por meio do cultivo das ervas medicinais no tocante à degradação humana e ambiental – portanto, uma relação de relações possíveis-, investigaremos pela ótica da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, os móveis intrínsecos presentes nos sustentáculos que deram início e embasamento à conturbada relação histórica oprimidos/opressores. Afirma-nos Freire (2005), acerca dessa contradição opressores-oprimidos:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos, e esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de cria-la, não se sentem idealmente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos (Freire, 2005, p. 32-33).

Temos aqui, portanto, uma missão freiriana como bem se evidencia em sua obra prima, a Pedagogia do Oprimido, que constatamos explicitamente em nosso cotidiano como

professores e educandos em uma região de degradação ambiental e humana, que encontra voz em nossa tarefa filosófica e ecológica, onde assevera:

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, de permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria (Freire, 2005, p.33).

Da mesma forma, não poderíamos continuar a traçar estas linhas sem tecermos uma profunda crítica, também, à instituição do trabalho quando não respeitada como um patrimônio essencial da humanidade, sua existência, sua apropriação privada pelo sistema capitalista, e a necessidade de sua ampla oferta em condições que emancipem e humanizem os sujeitos, como pressuposto necessário para que haja, entre os jovens munícipes de Poconé, uma perspectiva fértil frente ao futuro que se lhes aproxima, em uma região onde as riquezas produzidas nunca refletiram, ou somaram positivamente, à altura, no que se refere à oferta de emprego, carreira e bons salários.

O trabalho é essencial ao homem para que o mesmo possa conquistar, além das condições mínimas necessárias à sua sobrevivência, sua dignidade, humanidade e felicidade social. Mas como essa instituição e suas relações se manifestam em um município como Poconé, onde a fonte de trabalho e renda mais expressiva nada mais é do que um dos meios de produção mais predatórias, tanto pela ação degradante direcionada à natureza, em virtude dos danos causados à esta, como crateras, acúmulo de rejeitos e mercúrio; quanto pela deficiente e desigual divisão das riquezas produzidas pelos trabalhadores, através das más condições de trabalho e remunerações muitas vezes aquém do que realmente e de fato os seus operários merecem receber.

A percepção de Pinto (2013) é a de que:

Explorações minerais se voltam hoje até mesmo para o terreno de outros planetas. As possibilidades de verificação, análise e ação sobre as questões sociais, políticas, econômicas, ambientais, dadas pela capacidade de comunicação obtida pela união entre a microeletrônica

e a informática, concentrou em parâmetros gigantescos, em tempo real e em todas as escalas, da local à global, não apenas indivíduos, mas corporações privadas, movimentos sociais, Estados e organismos multilaterais, possibilitando amparar decisões com margens mínimas de erro (Pinto, 2013, p 07).

De fato, nos últimos anos, Poconé vem assistindo passivamente à chegada de empresas com tecnologias de ponta, para exploração do ouro contido até mesmo no conhecido “rabo de bica”, que nada mais é que a sobra de terra de onde já foram extraídos, em um primeiro e árduo trabalho, o valioso mineral.

5. Considerações Finais

A preocupação presente aqui é que, mesmo diante de tanta tecnologia e riquezas, os postos de emprego não aumentam proporcionalmente, o problema dos rejeitos, como a loléia (lama), que muitas vezes são despejados em córregos e até mesmo em rios da região, são debatidos por uma maioria de proprietários de garimpo e de alguns funcionários que defendem arduamente a importância da existência desse meio de exploração, de forma inconsequente e superficial, além de rejeitarem ou pouco se alarmarem com os perigos constantes causados pela contaminação no uso indiscriminado do mercúrio.

Dessa forma, em contraposição ao cenário ambíguo, os moradores de Cangas que cultivam ervas medicinais buscam ressignificar por meio de um trabalho artesanal e coletivo ressignificar os estragos promovidos pelo trabalho de exploração humana e ambiental.

6. Referências

ALVARENGA, Marcia Soares de. **Sentidos de cidadania: políticas de educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRASILEIRO, B. G.; PIZZILOLO, V. R.; MATOS, D. S.; GERMANO, A. M.; JAMAL, C. M. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”. **Revista brasileira de Ciências Farmacêuticas**, Governador Valadares, v. 44, n. 4, p. 629-36, 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro. Relações e dissensões entre saberes tradicional e saberes científicos. **Revista USP**, n.75, p.76-84, 2007. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13623>. Acesso 03 set. 2022.



FIRMO, W. C. A.; MENEZES, V. J. M.; PASSOS, C. E. C.; DIAS, C. N.; ALVES, L. P. L.; DIAS, I. C. L.; NETO, M. S.; OLEA, R. S. G. Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais. Caderno de Pesquisa, São Luís, v. 18, n. especial, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 2005.

GUATARRI, Félix. **As Três Ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas. SP Papirus. 19ª ed. 2008.

HAMILTON, A. Medicinal plant and conservation: issues and approaches. Surrey: International plants Conservation Unit, 2003.

MARQUES, W. **O quantitativo e o qualitativo na pesquisa educacional**. In: Revista da Avaliação da Educação Superior, vol.2, nº 3, 1997, p. 19-23.

MARTINS, P. F. S.; LIMA JÚNIOR, N. A. de. Transformações sociais e territoriais no Ambiente rural da Amazônia Oriental. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 6., 2016, Belém. Anais... Belém: Edufpa, 2016.

MOREIRA, J. C., JACOB, S. C., PERES, F. Avaliação integrada do impacto do uso de agrotóxicos sobre a saúde humana em uma comunidade agrícola de Nova Friburgo, RJ. Ciência e Saúde Coletiva, v. 7, n. 2, p.299-311,2002.

PINTO, Geraldo Augusto. **A Organização do Trabalho no Século XX. Taylorismo, Fordismo e Toyotismo**. 3ª edição. São Paulo: Expressão Popular. 2013.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Sentimento de corporação, cultura do trabalho e conhecimento patrimonial pesqueiro: expressões socioculturais da pesca artesanal. **Revista de Ciências Sociais**, v. 43, n. 1, jan/jun 2012, p. 8-27. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/417>, Acesso 03 set. 2024.